

Música

Centro de Arte Moderna, Fundação Gulbenkian: a Imprensa em «peso» ignorou um dos mais belos espectáculos da temporada.

Telectu: os caminhos da Tecno-Pop

António Duarte

Tendo como pretexto a «poesia portuguesa numa perspectiva interdisciplinar», o Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian propôs «Um Século em Abismo»: abriu as portas ao futuro e revelou um dos seus mais belos espectáculos de sempre.

Quando, no início deste ano, «O Jornal» chamava a atenção para as figuras do mundo da cultura e da arte que iriam ser notícia em 1985, um dos nomes citados foi o do duo Telectu (Jorge Lima Barreto e Vítor Rua): não que estivessem à espera de o ver noticiado com amplo destaque na Imprensa portuguesa, mas porque é notícia tudo o que é novo.

Foi novo e belo o espectáculo «10 Musatomias de Telectu» que Jorge Lima Barreto e Vítor Rua, bem como o cineasta Rui Simões, o pintor António Palolo e o actor João Perry, apresentaram no novo espaço do Centro de Arte Moderna, da Fundação Gulbenkian.

Multi-estímulos

Tendo como ponto de partida a poesia, o espectáculo (levado à cena nas noites de 16 e 17) ultrapassou o «abismo» da ruptura literária e o próprio âmbito do programa, para se situar no contexto mais vasto da manifestação multi-media.

Como espectáculo multi-media, «10 Musatomias de Telectu» centrou-se na música, como o media gerador de estímulos (para os vídeos de Rui Simões e para o diaporama de António Palolo) e como relação interdisciplinar com a palavra escrita (dez poemas declamados por João Perry em gravação «tape»).

A relação entre a música de Telectu e os poemas seleccionados («Chorai arcadas» — Camilo Pessanha; «Jornada n.º 10» — Alberto Pimenta; «Jogos de Artificio» — Vasco Graça Moura; «Devorações, depuração» — Casimiro de Brito; «Joyciana» (fragmento) — Ana Hatherly; «Saudade dada» — Fernando Pessoa; «Que é isto de silêncio» — Pedro Tamen; «Bach: variações Goldberg» — Jorge de Sena; «Ditirambos» — Mário Cesariny; «Electrografias» — António Aragão) faz-se não só tematicamente, como também — e sobretudo — através do «medium» electrónico.

Tornar mais forte a palavra

Sendo electro-acústica minimal repetitiva, a música de Telectu abraça a poesia pela forma e de duas formas: a articulação das palavras sugere técnicas musicográficas diversas; a textura sonora e a diferenciação tecnológica das composições de JLB e VR implicam tratamentos específicos na «tape» com a voz de Perry (efeitos de delay e de flanger, silêncios, repetições, tape loop, monocórdia).

Aqui reside uma das novidades do espectáculo de Telectu no Centro de Arte Moderna: a descoberta da música da poesia segundo conceitos de vanguar-

da e o seu prolongamento e autonomização no espaço.

A autonomização da música é tão intensa que, apesar da inter-relação com a poesia, a sua existência supera a palavra, ao torná-la mais rica, mais colorida, mais forte, mais emotiva, junto do público que assiste e participa (o público é a performance em «10 Musatomias de Telectu», elemento activo no espaço vídeo).

Video: a vertigem

Outro media: o vídeo. Rui Simões («Deus, Pátria, Autoridade», «Bom Povo Português») apreendeu, com paixão, o universo onírico da música de Telectu e transpôs-lo para a imagem.

Lá estão, aplicadas ao vídeo, técnicas idênticas: repetição, leit-motiv, sequências de cuts em imagens de movimento contínuo, reprises simétricas, negativos, desfocagens, feedback.

A função do vídeo neste espectáculo é artística e dinâmica: de 26 monitores dispostos em palco e numa das paredes laterais do anfiteatro do CAM, certa de metade transmite imagens muito belas, gravadas em exteriores (sequências no rio Tejo e em Sintra, imagens de rostos, de movimentos, do mar — um belíssimo e raro plano geral tirado de uma falésia da zona de Sintra —, referências impressionistas), e a outra metade é utilizada, consecutivamente, como monição de imagens captadas em directo no espaço do anfiteatro (músicos, instrumentos, pormenores, público) e feedback de elas próprias, ou desmultiplicação das pré-gravadas.

A dinâmica do vídeo neste espectáculo produz no espectador uma sensação de vertigem: os olhos percorrem o movimento da câmara de Cerveira Pinto (uma gratificante revelação na vídeo-arte) e são obrigados a uma constante multifixação, quer nas imagens reais, quer nos 26 monitores de VT.

Science-fiction

Cerveira Pinto revela uma espantosa sensibilidade ritmo-táctica. As pulsações sonoras são imediatamente transmitidas para o vídeo através da «dansa» do camara-man, numa revolução de conceitos de realização e de captação televisiva.

As passagens de uns planos para os outros são feitas através de desfocagens, ou de amplificação de pormenores. Por vezes, há um pormenor que prevalece, autonomizando um elemento-imagem que assume o papel principal em todo o espectáculo, num dado momento: foi genial o grande plano dos vultros do gravador de quatro pistas, distribuído pelos monitores de VT (os ponteiros dão a imagem gráfica da pulsação sonora e da variação rítmica e constroem uma ambiência «science-fiction»).

Diaporama: a outra linguagem

Na segunda parte do espectáculo o diaporama substitui o vídeo. É outra linguagem. Outro tipo de encantamento. António Palolo, que habitualmente trabalha com Telectu em projecções, é, também, um inovador. Os «slides» são da sua



Telectu
Estreia auspiciosa na Fundação Gulbenkian e «reprise» na Aula Magna

autoria. Cada «slide» é um todo constituído por várias partes montadas e sobrepostas: desde a fotografia propriamente dita, até à forma de exposição, passando pela técnica de revelação e pela integração de elementos «estranhos» à fotografia — riscos e pinturas na película.

Também da autoria de António Palolo foi o enorme cenário branco onde foi projectado o diaporama: uma conjugação muito feliz de modernidade e bom gosto.

Música: diversidade «swingante»

Voltemos à música: a sua especificidade. Telectu procurou diferenciar tecnologicamente cada composição, mas de tal modo que o espectáculo adquira a forma «concept»: É uno na sua diversidade.

Há música concreta (para «tape»), música espacial (que se desloca nos amplificadores), música acústica (para guitarra e piano preparado), música electrónica (pregravada em quatro pistas), música ambiental (criação de sons subliminais espalhados pela sala).

Há, também, um conjunto de atitudes e de posturas dos músicos: o espectáculo tem início com a articulação sintetizadores-guitarra electrónica, através de uma textura tímbrica de quarteto de cordas, prossegue com ritmos cruzados, melodias tonais, sintagmas de «free-jazz», rítmica jazzística «swingante», linhas melódicas e cadências pop e rock, colagens em «tape», repetições obsessivas, concretismo, transfigurações sonoras.

Momentos de rara beleza e de grande qualidade artística atingem-nos a todo o momento, mas, é claro, há os apogeu: os solos de Vítor Rua na GR-707 (guitarra electrónica), impressionantemente precisos e límpidos; os solos de Jorge Lima Barreto no piano preparado e no sintetizador Jupiter 6 em registo de piano acústico.

No piano preparado, JLB utiliza bolas de pingue-pongue (referência a François Bayle, da GRM, que utiliza esferas metálicas nas suas gravações) e percute as cordas, reinventando a utilização do piano; no sintetizador Jupiter 6, JLB tem o solo mais espectacular e mais

emotivo da noite: referências «free» a Cecil Taylor e técnica de aceleração de acordes e suspensão de frases a lembrar o mestre Monk.

Estética pop

No computo geral, não será de mais admitir que, na sua fascinante evolução, Telectu apresenta-se, neste espectáculo, dentro de uma estética tecno-pop. Os próprios fraseados jazzísticos e as próprias unidades mínimas rítmicas e de composição (o fundamento da mi-

nimal repetitiva) revestem-se de uma textura iminentemente pop — facto a que não é alheia a opção tecnológica de JLB e VR.

A própria tecnologia, entendida como «aparelho» parafernático, tem lugar físico e simbólico no «plateau» dos Telectu: ao duo junta-se, em palco, um terceiro elemento, Luís Carlos, que se ocupa do registo do concerto e do controlo de volumes e de frequências do som. Luís Carlos é o outro vértice da triangulação música-estética-tecnológica: não é um mero técnico de som — ele surge, no

Centro de Arte Moderna, no espaço tradicionalmente reservado aos músicos, ou «performers»; os seus gestos e seu prolongamento técnico são, também, captados pela câmara de Cerveira Pinto (vd. imagens dos vultros).

No trabalho de gravação prévia e tratamento da voz de João Perry, bem como de controlo da injeção de r/m's (registos magnéticos) participou, também, outro técnico, Robin Tó-Zé — profundamente motivado para as tipologias e tecnologias da música electrónica (tirou um curso de música electrónica na Holanda).

Iniciativa progressista

O público encheu por completo o anfiteatro do Centro de Arte Moderna para assistir, nas duas noites, às «10 Musatomias de Telectu». Pediu «encores», entusiasmou-se. Era um público jovem e atento que começa a descobrir — infelizmente sem o suporte de certa Imprensa «especializada» que continua a ignorar as vanguardas — alternativas à música de consumo.

Foi corajosa e progressista a iniciativa da Gulbenkian (Miló e Madalena Azeredo Perdigão), com a colaboração do PEN Clube Português (Ernesto Melo e Castro). De 12 a 20 de Janeiro passaram, ainda, pela sala polivalente do CAM, Jorge Peixinho e o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, e ainda o Grupo Neon, de Carlos Barroco, que apresentou um espectáculo multi-media sobre textos de Ernesto Melo e Castro, com João d'Ávila.



INSTITUTO SUPERIOR DE GESTÃO

Curso Básico de Informática

MÓDULO 1 — INTRODUÇÃO AOS COMPUTADORES

Duração: 30 horas

Início: 11/02/85

Monitores: Prof. Dr. António Gonçalves, Dr. Rui Amaral e Dr. José Granado

MÓDULO 2 — INTRODUÇÃO À ANÁLISE DE SISTEMAS E À PROGRAMAÇÃO

Duração: 30 horas

Início: 25/02/85

Monitor: Prof. Dr. Amílcar Sernadas

MÓDULO 3 — INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA DE GESTÃO

Duração: 30 horas

Início: 18/03/85

Monitor: Dr. João Assunção Fernandes

Informática para Gestores e Alta Direcção

Duração: 27 horas

Início: 26/02/85

Monitor: Dr. João Assunção Fernandes

Esta programação desenvolver-se-á nas novas instalações do ISG, Estrada da Ameixoeira, n.ºs 112, 114, 116 - 1700 LISBOA

INFORMAÇÕES DETALHADAS E INSCRIÇÕES PELOS TELEFONES: 79 00 53 - 758 38 11/2